

Documentação
Data 5/11/2000
Class 116
B-5

ECONOMIA
NEGÓCIOS

QUARTA-FEIRA, 5 DE JANEIRO DE 2000

Compra do Jari pelo Orsa ainda não foi concluída

Transação depende da assinatura de acordo com credores como BNDES e BB

RIBAMAR OLIVEIRA

BRASÍLIA - O Grupo Orsa ainda não é o dono do polêmico projeto Jari. Até agora, o grupo presidido pelo empresário Sérgio Amoroso assinou com os irmãos Guilherme e Mário Frering um contrato de transferência do controle acionário do Jari, mas falta formalizar um contrato com os credores do projeto, que são principalmente o BNDES e o Banco do Brasil. Sem o acordo sobre as dívidas, o negócio não poderá ser concluído. O Grupo Orsa tem de conseguir esse contrato até o fim do mês, sob pena de ver ameaçado o acordo com os irmãos Frering.

Amoroso confirmou ontem que o acordo com os credores ainda não foi assinado. "Ele já está fechado, mas falta a parte documental", explicou. "Os bancos estão providenciando isso", disse. No BNDES, ninguém dá informações sobre o assunto. A Assessoria de Imprensa do banco chegou a confirmar a conclusão da operação de venda do Jari, mas não soube explicar qual foi o acordo a que se chegou sobre a dívida de US\$ 100 milhões que o Jari tem com o BNDES. Um assessor disse que somente o Grupo Orsa poderia prestar essas informações.

Uma fonte do Banco do Brasil explicou que o contrato assinado pelo empresário Sérgio Amoroso com os irmãos Frering tem uma cláusula que estabelece que a venda somente será concluída depois do entendimento com os credores. Essa exigência é necessária porque, do ponto de vista jurídico, nenhuma empresa com débito com a União pode ser vendida

sem que haja antes um acerto sobre a dívida pendente.

O montante exato dessa dívida também é desconhecido. O Banco do Brasil, o BNDES e o Grupo Orsa não fornecem dados precisos. "Estamos no meio de uma negociação e qualquer valor vai mostrar aos interessados de quais premissas estamos partindo", explicou uma fonte do governo. Uma versão dá conta de que o débito atualizado poderá ultrapassar US\$ 400 milhões. Outra versão diz que apenas 20% da dívida do Jari é com o BNDES e 12% com o BB. O restante estaria distribuído entre outros 20 credores.

Sabe-se apenas que os dois grupos interessados no Jari - o Orsa e a empresa canadense Tembec - estão dispostos a pagar aos credores algo em torno de US\$ 200 milhões, em valor presente. Isto significa que, qualquer que seja o grupo empresarial a arrematar o Jari, os cofres públicos não serão ressarcidos integralmente dos prejuízos provocados pelo projeto.

Perplexidade - O empresário Sérgio Amoroso não esconde sua perplexidade com o fato de a empresa Tembec ter acionado a embaixada do Canadá no Brasil para defender seu interesse no BNDES. "Eles estão negociando com os Frering desde junho do ano passado e nós só entramos no negócio depois que eles não conseguiram apresentar uma proposta que interessasse os credores", informou. "Agora eles acionam um embaixador e criam um caso diplomático."

No ano passado, as negociações com os irmãos Frering foram coordenadas pela empresa Brazilian Resources, que re-

presentava um grupo de companhias, incluindo a Tembec, maior produtora de papel e celulose do Canadá. Um dos sócios da Brazilian Resources, Joaquim Mesquita, confirmou ontem as tentativas frustradas de negociação com os irmãos Frering. "Mas não houve desistência do negócio", afirmou. "Qualquer projeto dessa magnitude precisa de tempo para ser definido." Ele garante que a proposta da Tembec é superior à do Grupo Orsa. "Eles dizem que vão investir no Jari, mas uma coisa é falar e outra é fazer."

A queda-de-braço entre o Grupo Orsa e a Tembec poderá ser apenas mais um ingrediente da disputa entre a canadense Bombardier e a Embraer pelo rico mercado de aviões regionais. Há, pelo menos, um fato intrigante nessa história. O Banco Bozano Simonsen, um dos proprietários da Embraer, participa do acerto que está sendo montado pelo Grupo

Orsa com os credores do Jari.

O ministro das Relações Exteriores do Canadá, Lloyd Axworthy, que virá ao Brasil na próxima semana, pode incluir em sua comitiva o presidente da Tembec, Frank Dottori, que reivindica uma audiência com o presidente do BNDES, Andrea Calabi. O empresário só virá, informam fontes da Tembec, se houver indicações do governo brasileiro de que existe espaço para negociação em torno do Jari. O empresário Sérgio Amoroso não sabe avaliar os resultados dessas articulações diplomáticas do governo canadense. "Pode ser que esse caso seja utilizado como moeda de troca na disputa entre a Bombardier e a Embraer", disse.

DÉBITO
PODE
SUPERAR US\$
400 MILHÕES